

UM MUSEU NO MEU QUINTAL: EXPERIÊNCIAS DE ARTICULAÇÃO TERRITORIAL DO MUSEU CASA DARCY RIBEIRO E SEUS VIZINHOS.

Autora: Isis Macedo¹

Palavras-chave: Território, Maricá, Vizinhança, Museu Casa Darcy Ribeiro

Resumo

A transformação da antiga casa de praia de Darcy Ribeiro em um Museu Casa, inaugurado em 2024, representa mais do que uma mera mudança de função de um imóvel. Essa residência em que o intelectual escreveu obras cruciais de sua vasta produção deixou de ser um espaço privado e abre-se para um novo capítulo de sua história, em que a sociedade, e a vizinhança em especial, é convidada a participar de seu legado. Porém, para que esse Museu Casa seja habitado por uma vida renovada, não basta que suas portas estejam abertas à visitação. Esta comunicação apresenta um dos principais planos de integração entre o recém-inaugurado Museu Casa Darcy Ribeiro e sua vizinhança: *Um Museu no meu Quintal*, projeto interdisciplinar que articula diferentes núcleos: educativo, museológico e audiovisual. A partir de um mapeamento sócio-territorial da vizinhança, identificando moradores da região, suas ocupações, *hobbies* e memórias afetivas, um programa mensal de encontros foi planejado, utilizando o quintal como espaço de ativação para rodas de conversa sobre a atualidade de Darcy Ribeiro, oficinas artísticas e produções culturais que povoam o quintal como um lugar de resistência à iminente extinção pela onda de urbanização, mas também de descanso, brincadeira e reflexão sobre o presente. Além da exposição de sua estrutura, serão relatados os resultados parciais já obtidos e os desafios que se insinuam no horizonte de seu primeiro ano de atividades.

¹ Isis Macedo é Museóloga formada pela UNIRIO e Mestre em Gestão de Marketing (Universidade do Algarve), Guia de turismo e Educadora Popular. Atua como Museóloga no Museu Casa Darcy Ribeiro, em Maricá, RJ; cidade onde cresceu e segue se formando enquanto cidadã, gestora e articuladora cultural. É pesquisadora nas áreas de Patrimônio, memória, identidade(s), entusiasta em Museologia Social e construção coletiva de equipamentos culturais, e uso dos mesmos enquanto instrumento de resistência.

INTRODUÇÃO

Tendo como parte importante de seu quintal a Praia de Cordeirinho, o Museu Casa Darcy Ribeiro, foi residência do ilustre antropólogo, educador, político e escritor homônimo. Projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, a Casa que foi para Darcy um refúgio, local de descanso e produção, dentre outros, de sua grande obra “O Povo Brasileiro” é reinaugurada em junho de 2024 enquanto um Museu. Sua casa, antes sua, torna-se então um espaço aberto ao público, que pretende para além de receber visitas, ser (re)construído coletivamente, não apenas resgatando seu legado e de sua companheira Berta Ribeiro, mas também criando novas memórias, contemporizando os debates já trazidos por Darcy e ainda tão vigentes para se pensar nossa sociedade.

“Presente, passado e futuro? Tolice. Não existem. A vida é uma ponte interminável. Vai-se construindo e destruindo. O que vai ficando para trás com o passado é a morte. O que está vivo vai adiante.” - Darcy Ribeiro.

É impossível pensar na Museologia Social sem incluir as relações entre museu, território e sociedade, numa perspectiva que vai além da necessidade de firmar a função social dos museus, mas que tem em seu cerne a resistência e a r(e)existência² (Chagas; Pires, 2018), de culturas populares, de saberes diversos. A Museologia Social está comprometida efetivamente com a redução das desigualdades sociais, melhoria da qualidade de vida coletiva, diminuição do preconceito, fortalecimento territorial. Deve fazer uso do poder da memória e do espaço museológico em favor dos povos indígenas, quilombolas, da comunidade local, movimentos sociais (lgbtqia+, MST). Vai ao encontro de Darcy Ribeiro pois requer coragem, requer indignação, requer alegria, requer amor à Vida.

A Museologia Social não deve ser confundida com a ideia de que todos os museus são sociais apenas por estarem em sociedade. Essa abordagem se fundamenta nos compromissos sociais que os museus assumem — sejam éticos, políticos, científicos ou poéticos — e busca a libertação, como menciona Varine em relação a Paulo Freire. Em

² Ver: Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade / Mario de Souza Chagas e Vladimir Sibylla Pires (orgs.). – Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018.

contraste com a museologia tradicional, que frequentemente perpetua uma perspectiva ocidental, capitalista e colonizadora, a Museologia Social é comprometida com a redução das desigualdades, a melhoria da qualidade de vida coletiva e o fortalecimento territorial, utilizando a memória e o espaço em favor de comunidades marginalizadas, como povos indígenas e movimentos sociais.

Essa abordagem é vital para enfrentar a opressão, refletindo a tensão entre biofilia—amor à vida—e necrofilia, que representa a lógica desumanizadora da cultura opressora. A pedagogia do oprimido, conforme Freire (1996, p. 47), conecta-se diretamente à Museologia Social, ressaltando a importância da participação ativa da sociedade no processo de transformação. Os museus, portanto, devem ser espaços políticos, onde a história é moldada pelo empoderamento dos oprimidos, promovendo uma consciência crítica sobre os desafios contemporâneos.

A Museologia Social transcende a função tradicional dos museus, tornando-se um movimento social independente. Mario Chagas enfatiza que "há uma gota de sangue em cada museu"(Chagas, 2006), destacando que eles não são neutros, mas territórios de disputa sobre que memória é representada e para quem. A luta por um museu que resista e re-exista é exemplificada pelo Museu das Remoções, que nasceu da resistência coletiva e serve como instrumento de luta, preservando a memória de comunidades ameaçadas e fomentando o pensamento crítico em relação a questões como especulação imobiliária.

Mario Chagas (2018, p. 285-299) durante palestra que encerrava o Seminário em comemoração aos 200 dos museus no Brasil em 2018, traz o poema de Manoel de Barros "O Muro" , para pensar as relações entre museu, território e sociedade, num contexto de debater os atuais desafios para os Museus.

Os muros separam, determinam limites, criam barreiras não só físicas mas imaginárias. Os muros ao mesmo tempo que protegem aquele patrimônio, afastam as pessoas, não nos deixam conhecer verdadeiramente o que está "do outro lado". Ao invés do conceito de relações a ações "extra-muros", vamos pensar em um Museu sem muros, em um

quintal aberto, literalmente como uma praça: que convida as pessoas não apenas a passarem por ela, mas ficarem nela, a criarem relações, momentos, memórias nela e com ela. Assim, a Museologia Social busca um acervo vivo e interativo, onde a participação da comunidade é fundamental para a construção de um futuro compartilhado.

UM QUINTAL DA VIZINHANÇA

O projeto *Um Museu no meu Quintal*, realizado dentro do Programa de Redes Locais do Museu Casa Darcy Ribeiro, busca se aproximar e fortalecer a relação da instituição com os moradores do território do entorno do Museu, trazendo sentimentos de pertencimento, resgate de memórias e construção de novas, além da apropriação do museu enquanto um espaço de relação e desenvolvimento, que vai para além dele. Ao longo dos encontros serão propostos diferentes debates, oficinas, rodas de conversa, e demais atividades consideradas relevantes para os participantes e desenvolvimento de pesquisa.

O museu é uma ferramenta. Sendo assim, não tem valor em si, mas nas mudanças sociais que pode, a partir de debates, releituras, engajamento social, promover com e na sociedade; este valor é atribuído pela sociedade na qual ele trabalha. (Chagas, 2014).

Visando a integração com a cidade e comunidade; este projeto busca realizar uma pesquisa de cartografia territorial, e perceber quais grupos habitam no entorno do museu, seus interesses e modos de vida, suas potencialidades e também demandas. A partir desta cartografia, conseguimos nos enxergar neste lugar de descobertas para formações.

Utilizando o Quintal Aberto como cenário e espaço de ativação, debatemos questões como este sendo um lugar de resistência, de descanso, de encontros e celebrações, de brincadeiras, mas também tantas vezes utilizado por famílias para trabalhar e ter seu sustento, um lugar em iminente extinção pela onda de urbanização, e inseguranças, mas tão importantes para a manutenção das vizinhanças vivas (Farias; Pinheiro, 2013).

Debatemos os quintais na atualidade e os quintais públicos, seja dos museus, das praças, como sendo potencializadores dos fortalecimento comunitário, do resgate de memórias e senso de identidade, de comunidade.

O projeto, realizado pelo Museu Casa Darcy Ribeiro tem periodicidade mensal, sendo realizado sempre no último fim de semana de cada mês, pela manhã. Como parte importante do processo, na semana de sua realização, além do disparo de emails para vizinhos e visitantes do museu, são entregues convites impressos pessoalmente pela Museóloga e equipe do Museu aos vizinhos. Nestes pré-encontros acontecem conversas extremamente relevantes, nas quais são compartilhadas histórias e expectativas, estabelece-se uma relação anterior, um vínculo que é percebido no segmento, com o encontro no sábado.

Como produto destes encontros, a equipe consegue fazer um levantamento de quais pessoas tiveram contato com Darcy Ribeiro, seja na sua Casa, hoje museu, seja a partir de suas relações políticas ou com os CIEPs...

VIVÊNCIAS EM RELATOS

Em junho de 2024 foi realizada a primeira edição do *Quintal com a Vizinhança*, um encontro no quintal aberto para pensar na construção do museu junto à comunidade local, pensando em atividades juntos, investigando o que é importante para os visitantes, desenvolvendo projetos e também despertando memórias. O evento foi organizado em diálogo com a Coordenação da Casa, produção cultural e museologia.

Os participantes puderam compartilhar lembranças e momentos vividos na Casa de Darcy, antes de se tornar museu, quais os sentimentos tiveram; compartilharam também o que escolheriam musealizar na casa deles, algumas respostas interessantes foram “o quarto, com os diferentes cremes para cabelo expostos”, a cozinha e sua mesa, um local de encontros, conversas e construção de memória coletiva, e até mesmo o “coração”, explicado por outra vizinha, pois seria isto que ela gostaria de mostrar para quem visite sua casa.

Patrocínio Master

Gestão

Realização

Sobre uma temática relevante para Darcy e para Maricá, foi debatida a questão das “utopias” e algumas das respostas interessantes foram o fim do capitalismo, trazido por uma jovem vizinha, onde todos teriam direito, democraticamente, à fala, à expressão, mas também às terras, trazendo a tona a Demarcação das terras indígenas; uma outra vizinha, Sílvia, professora, compartilhou que para ela, assim como para Darcy, já vivemos uma utopia possível em Maricá, visto que a cidade de Maricá possui transporte gratuito de qualidade, investimentos em educação e também vivemos a utopia na Casa Darcy Ribeiro, pois aquele foi um momento utópico, onde os vizinhos puderam se apropriar de um espaço público, fortalecendo suas relações e laços, criando momentos com memórias vivas e senso de pertencimento.

Esta mesma vizinha, dona Silvia Farias, teve uma fala de extrema ternura e impacto, onde compartilhou que, muito empolgada com o Museu Casa Darcy Ribeiro, localizado na rua de sua casa, falou para seus alunos, da rede municipal de ensino no município de São Gonçalo - RJ, que “*Tem um Museu no quintal de casa*”. A partir deste momento pôde-se debater as questões tão caras à equipe e concepção do espaço como tendo um Quintal Aberto, onde já não há muros e todos da vizinhança são um pouco “donos” do museu, que já tem seu espaço fluido, com a rua, com o bairro, com a praia.

Foram abordados no encontro também conceitos como “Museu de Território” e exemplificado através daquele momento, onde nestes museus o acervo mais importante é a relação entre os participantes, que são tão visitantes como curadores da exposição, que é composta por suas memórias, lutas, afetos, resistências...

A Primeira Edição do “Quintal com a Vizinhança - Conhecendo os vizinhos”, permitiu à equipe acessar informações e ter reflexões profundas no processo de construção dos nossos objetivos, necessidades, e formas de integração do Museu com a comunidade e também da comunidade entre si. Entre pães, bolos e delícias do café da manhã, visitantes vizinhos compartilharam suas memórias, sentimentos, histórias relacionadas à Darcy e os usos que muitas vezes tinham da Casa.

A equipe pôde perceber a presença de dois grupos distintos na ocasião, nomeadamente: pessoas mais velhas e idosos; e grupos de jovens e adolescentes. A partir dessa

percepção, fez-se necessário se questionar e buscar como relacionar passado e presente, diferentes gerações, expectativas, de forma não a segregar mas sim agregar diferentes conhecimentos e interesses, formas de expressão e visões de mundo; onde todos os conhecimentos e saberes sejam valorizados, onde se fala das memórias passadas mas também constroem-se novas.

No último sábado de julho de 2024 foi realizado o segundo encontro do projeto. Este, realizado durante as férias escolares, teve como proposta o Quintal e as atividades e debates em torno dele, trazendo à tona conceitos de Vizinhança Viva, resgate de memórias e o quintal enquanto resistência, lugar de afetos, de trabalho, de encontros, religiosidades, ócio e encontro de gerações. Quintais, que estão em iminente extinção, devido aos processos de urbanização urbanos, mas que são tão importantes para a memória coletiva, quintais que agora são vistos também do ponto de vista contemporâneo e estão presentes em formas de praça, de rua...

Quintais, especialmente no período de férias escolares, são palcos de memórias que se constroem e reconstroem encontro após encontro.

Inicialmente, todos os convidados se apresentaram, mencionando também o nome de seu vizinho e sua relação com ele. Desta conversa foram obtidas informações interessantes como a presença do “Seu Áureo”, um antigo morador do bairro, que possuía um trailer em uma rua próxima ao Museu e reunia diversos moradores, que foi mencionada como sendo uma figura muito importante para a memória coletiva. Duas vizinhas da mesma rua que ainda não se conheciam foram apresentadas, uma delas: dona Rose, com suas filhas e netas, que foi muito próxima de Darcy Ribeiro, contou que frequentava a casa continuamente e que ganhou um livro autografado de “seu amigo Darcy”.

Foram trazidas ao debate questões sobre a diminuição dos espaços físicos dos quintais e a maior restrição de comunicação entre os vizinhos, com muros cada vez maiores e que por conta da rotina e aumento do número de pessoas residindo no bairro, acabam por não se conhecer. Houve também conversa sobre a importância da parceria entre os mesmos, seja para a vigilância coletiva do bairro (uma das vizinhas compartilhou que

em sua rua os moradores se reuniram e compraram câmeras que permitem acesso compartilhado das imagens), ou no empréstimo de equipamentos, materiais...

Voltando os olhos para a realidade do museu, os vizinhos foram convidados a escrever no cartaz coletivo disponibilizado suas impressões do encontro, possibilidades de ativação do espaço do Quintal; e no seguimento foi dado início às atividades de soltar pipa, amarelinha, descanso... E outras formas de lazer .

A equipe foi apresentada ao Senhor Beto, um pipeiro que vende suas pipas em um comércio local, próximo à rua 90 do mesmo bairro. O mesmo teve atuação importante no evento, ajudando a restaurar as pipas utilizadas, ensinando as crianças a soltar e se integrando com a atividade , com ideia de resgate de memórias. No seguimento, o mesmo foi convidado a compartilhar com a equipe suas impressões sobre as pipas, quintais e atualidade, com a gravação de um depoimento no estúdio de podcast do museu.

CONCLUSÃO

A Casa Darcy Ribeiro é muito mais do que um museu; é um espaço vivo e pulsante, onde passado e presente se entrelaçam para moldar um futuro mais consciente e solidário. Inspirada pelo legado de Darcy, a Casa busca promover mudanças sociais significativas, integrando a comunidade e criando um ambiente de troca e aprendizado.

Os encontros mensais realizados no projeto Um Museu no Meu Quintal não apenas resgatam memórias, mas também cultivam um senso de pertencimento e identidade coletiva. As histórias compartilhadas e as experiências vividas pelos vizinhos fortalecem os laços comunitários, revelando a importância do diálogo e da escuta ativa. Cada participação é um lembrete de que a Casa é um espaço que pertence a todos, onde cada voz é valorizada.

Além disso, o projeto destaca a relevância da Museologia Social, que se compromete a atuar nas demandas contemporâneas, enfrentando as desigualdades e celebrando a diversidade cultural. A Casa se transforma em um ponto de resistência, onde as

tradições locais são valorizadas e as novas gerações têm a oportunidade de se conectar com seu patrimônio cultural.

Ao olharmos para o futuro, a Casa Darcy Ribeiro se propõe a ser um catalisador de transformação social, continuando a expandir suas atividades e a fortalecer suas relações com a comunidade. Com iniciativas que promovem o engajamento e a participação ativa dos moradores, o museu se reafirma como um espaço de resistência e criatividade, onde cada encontro é uma oportunidade para sonhar e construir utopias possíveis.

Em última análise, a Casa não é apenas um museu de memórias; é um laboratório de transformação, onde cada conversa, cada risada e cada atividade colaborativa contribuem para a construção de um presente mais inclusivo e consciente. Através da ressignificação do espaço e da promoção de diálogos significativos, a Casa Darcy Ribeiro se torna um símbolo de esperança e de um futuro onde as vozes da comunidade são ouvidas e celebradas.

BIBLIOGRAFIA

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Comissão de Educação**, 2018. Prêmio Darcy Ribeiro de Educação - edição 2018. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/ce/outros-documentos/premiodarcyribeiro/index.html> . Acesso em: 31 out. 2024

CHAGAS, Mario De Souza; PIRES, Vladimir Sibylla. **Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contem- poraneidade**. Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018.

CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó, SP: Argos, 2006, 135p.

FARIAS, T. M.; PINHEIRO, J. Q.. **Vivendo a vizinhança: interfaces pessoa-ambiente na produção de vizinhanças "Vivas"**. *Psicologia em Estudo*, v. 18, n. 1, p. 27–36, jan. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974

SANTOS JUNIOR, R. **Perspectivas acerca de um encontro: diálogos entre Paulo Freire e Hugues de Varine.** Cadernos de Sociomuseologia, v. 63, n. 19, p. 61-71, 24 Jun. 2022.